

CONSIDERAÇÕES

SOBRE  
O  
CONCELHO  
DE  
NISA

Biblioteca: enciclopedia lusa. Bealinas  
de cultura vol. XVIII

COTA 03 (F. local)

NÚCLEO GENERAL

REGISTO 373

BIBLIOTECA MUNICIPAL  
DE NISA

acidentes, de todas  
a não-realidade (e  
tência absoluta e a  
tal, *Sonetos*, p. 27).  
ao Oriente... o nir  
Peixoto. *Maia e E*  
«Aqui está porqu  
individual do nir  
*Republic. Conserv*  
lar-se no gozo de  
Ribeiro, *O Servo*  
apagado como um

REL. Termo h  
a Teologia budis  
nirva pela raça am  
atingido depois da  
ritos que, consid  
seu esforço para  
ção, conseguem o  
Unidade Total, a  
tanto moral como  
os desejos e neces  
ção de toda a ex  
na absorção pelo  
na comunhão ab  
Todo ou Beatitu  
o budismo dogm  
«para aqueles q  
caminho e passa  
que se libertara  
atiraram fora tod  
agitação nem des  
podem tornar a  
*Nirvana*, a Paz  
e Integral». Par  
*nirvana* não é,  
dade total que c  
deram, e se o f  
Divina equivaler  
segundo a dout  
um absurdo, por  
riam existir a S  
Suprema Justiça  
que o filósofo Las  
sendo a Perfeição  
dade do Céu e qu  
tais definem com  
Bem-aventurança

#### NIRVANACÃO

de quietude: «E  
naquela *nirvanacão*  
*O Arcajo Ney*

#### NIRVANESCO

pobre maltês al  
com a fumstead  
Sardinha, *Purga*  
suf. esco).

#### NIRVÂNICO

*nirvânico*. ♦ I  
vânico. (De *nir*

#### NIRVANINA

metílico. (Nome

#### NIRVANISMO

vana e suf. *ism*

#### NIRVANISTA

♦ S. 2. gén. I  
*nirvana* e suf.

acidentes, de todas as condições de realidade... adquirem a não-realidade (o não-contingente) e com ela a existência absoluta e a absoluta liberdade», Antero de Quental, *Sonetos*, p. 27; «O remédio para Kaiserling é a volta ao Oriente... o nirvana, a moralidade budica», Afânio Peixoto, *Mais e Esteves*, p. 336. ♦ Fig. Apatia, inércia: «Aqui está porque afinal me tem penetrado a ambição individual do nirvana politico», Rui Barbosa, *O Partido Republic. Conservador*, p. 90; «Com delicia sentia aniquilar-se no gozo desse nirvana físico e moral», Aquilino Ribeiro, *O Serro de Deus*, p. 88. (Do sânscr. *nirvana*, apagado como uma vela).

REL. Termo hindu que significa «apagado». Segundo a Teologia budista, o *nirvana*, também denominado *nibba* pela raça amarela, é um lugar ou estado metafísico atingido depois da morte pelos espíritos que, considerados eleitos pelo seu esforço para chegarem à perfeição, conseguem obter o regresso à Unidade Total, ao Fim do Limite, tanto moral como material, de todos os desejos e necessidades, pela extinção de toda a existência individual na absorção pelo Espírito Supremo, na comunhão absoluta no Grande Todo ou Beatitude Perfeita. Assim, o budismo dogmático afirma que: «para aqueles que percorreram o caminho e passar, m. além da dor, que se libertaram dos grilhões e atiraram fora todos os laços, não há agitação nem desgosto... esses já não podem tornar a nascer... gozam o *Nirvana*, a Paz Absoluta, Universal e Integral». Para os orientais, o *nirvana* não é, porém, a negatividade total que os ocidentais consideram, e se o fosse, a Actividade Divina equivaleria ao Nada, o que, segundo a doutrina budista, seria um absurdo, porque assim não poderiam existir a Suprema Bondade, a Suprema Justiça e a Suprema Glória que o filósofo Lao-Tseu definiu como sendo a Perfeição Activa ou a Vontade do Céu e que as religiões ocidentais definem como sendo a Suprema Bem-aventurança ou o Seio de Deus.

**NIRVANAÇÃO**, s. f. Neol. Provocação de apatia, de quietude: «E não houve remédio senão consentir naquela *nirvanação*, seu único refugio», Aquilino Ribeiro, *O Arcajo Negro*, p. 180.

**NIRVANESCO**, adj. O mesmo que *nirvânico*: «...o pobre maltês alentejano que foi Fialho, ludibriava-se com a fumarada *nirvanesca* do Indefinido...», António Sardinha, *Purgatório das Ideias*, p. 133. (De *nirvana* e suf. *esco*).

**NIRVÂNICO**, adj. Relativo ao nirvana: absorção *nirvânica*. ♦ Inerte, indiferente, apático: estado *nirvânico*. (De *nirvana* e suf. *ico*).

**NIRVANINA**, s. f. Anestésico constituído por éter metílico. (Nome comercial).

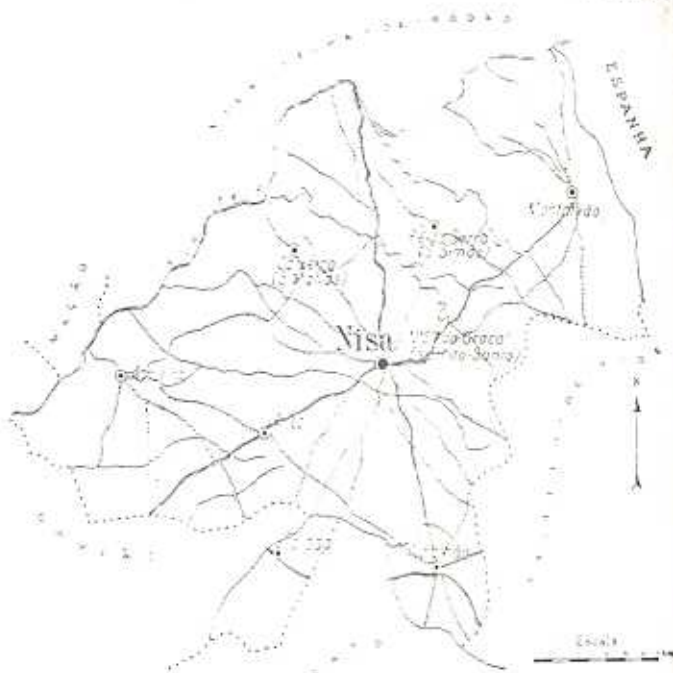
**NIRVANISMO**, s. m. Sistema do nirvana. (De *nirvana* e suf. *ismo*).

**NIRVANISTA**, adj. 2 gén. Relativo ao nirvanismo. ♦ S. 2 gén. Partidário do nirvanismo; budista. (De *nirvana* e suf. *ista*).

**NIRVANOL**, s. m. Substância hipnótica derivada da hidantoina. (Nome comercial).

**NISA**. ASTRON. Asteroide n.º 44 do Catálogo, descoberto em 1857 por Goldschmidt.

**NISA**. Cidade histórica e quase lendária da Índia antiga, situada no actual Afeganistão, citada na História Grega como tendo sido conquistada por Alexandre Magno, na sua invasão da Índia. Conhecida de Plínio e Estrabão, foi citada por Ptolomeu, que a designou por *Nagare* ou *Dronisobélis*, tradução de *Madyanapur* ou «cidade dos jardins», que os gregos de Alexandre admitiram tivesse sido conquistada ou fundada por Dioniso, suposto invasor da Índia e predecessor de Alexandre. Segundo a lenda, Alexandre tendo sido amigavelmente acolhido pelos Niseanos ou Nisoi, festejou a sua entrada, no reino



CARTA TOPOGRÁFICA DO CONCELHO DE NISA

destes últimos, com grandes diversões de danças, cortejos, cantares e banquetes, coroando-se os invasores do grinalda silvestre e embriagando-se com «ambrosias», que deviam ser simplesmente as aguardentes vulgares da terra. Foi numa dessas embriaguezes que Alexandre, seguido dos seus, escalou o monte Meru, altitude de 3.000 m., encimada de um pagode e classificada como «morada dos deuses». Dizia a lenda que, depois de Dioniso ninguém mais a pudera escalar. As festividades que os Hindus celebravam em honra dos seus nomes habituais Rama e Sita, eram consideradas pelos Gregos de Alexandre como consagradas a deus Baco. O certo é que os hindus de Nisa, com tais artes, conseguiram que o invasor, festejado e embriagado, os não mandasse passar à espada, como costumava. Os modernos historiadores britânicos têm-se esforçado por localizar Nisa. Para uns, o seu sítio estaria na actual Nanghebar, uma antiga capital cujas ruínas se descobrem a cinco milhas de Jalalabade. Outros a identificam



Nysatã, uma aldeia na margem norte do rio Cabul. Nomes refere-se a esta velha cidade no seguinte passo: "Nada lhe doi perder a glória / De que Nisa celebra a memória", *Os Lusíadas*, I, 31.

além destas, as seguintes: uma, em Azez, no 1.º domingo de Agosto, e duas, em Alpalhão, no 1.º domingo de Abril e em 15 de Julho. São muito concorridas as romarias a N.ª S.ª da Graça e N.ª S.ª dos Prazeres, respectivamente, em segunda-feira de Pascoa e Pascoela.

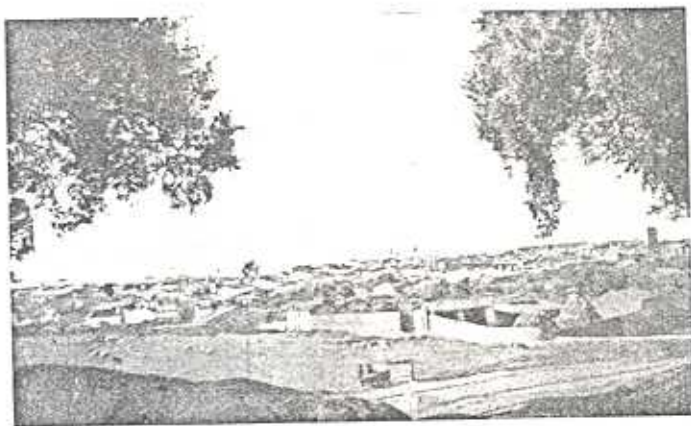
A cerca de 8 km. ficam as águas termais da Fadagosa, de grande eficácia no reumatismo e doenças cutâneas. As principais produções são: centeio, trigo, azeite, cortiça, vinho, mel, lã e queijos. Os produtos de salchicharia e doçaria são muito apreciados. As estações de caminho de ferro mais próximas são a de Vila Velha de Ródão, na linha da Beira Baixa, e a de Vale do Peso, no ramal de Caceres, ambas a 17 km. Esta última é a mais utilizada no transporte de passageiros e mercadorias, em camionetas de carreira diária, e por ela se faz também o serviço do correio e o da Central dos Caminhos de Ferro.

Nisa-a-Velha é uma das povoações mais antigas do dist. de Portalegre. Sobre a sua origem nada de positivo pode afirmar-se. Sabe-se apenas que, no local onde a edificaram, junto ao monte de N.ª S.ª da Graça, a 4 km.

da actual, se têm encontrado vestígios das mais remotas civilizações. Segundo opina o ilustre arqueólogo Dr. Leite de Vasconcelos, naquele monte devia ter havido um castro pré-romano. Foi perto deste que, mais tarde, surgiu a antiga Nisa, talvez já em plena romanização. Certo é que os filhos do Lácio deixaram bem vincados nesta região os rastros da sua permanência: teijolos (*lateres*), mós pequenas de granito (*molas memsariae*) e varias lápides tumulares. Pinho Leal diz que Nisa-a-Velha deve ter sido destruída pelos Mouros e por eles mesmos reedi-

Vista geral de Nisa

3.ª classe, com. de 3.ª classe, rel. de Coimbra, dist. de Portalegre. O conc. tem uma área de 7,32 km.², com 19.358 hab. e compõe-se de nove freguesias: Espírito Santo, N.ª S.ª da Graça, Alpalhão, Azez, Montalvão, S. Matias, S. Simão e Tolosa. A freg. de Amieira pertence a aldeia de Vila Flor; a de Montalvão, a de Salavessa; a de S. Matias, Chão da Vila, Monte Claro, Falagueira, Montes Matos, Capoto e Velado; e a de S. Simão, os montes do Pardo, Pinheiro, Duque, Pa da Serra e Vinagra. Nisa tem, pelo censo de 1940, um total de 19.419 hab. nas duas freg. que a formam: a do Espírito Santo, com 12.111 fogos e 4.161 hab., e a de N.ª S.ª da Graça, respectivamente, com 354 e 1.258. Tem est. teleg. e telef. de 2.ª classe com serv. de val. decl., encam. post., cob. de tel., vales e letras, tutoria da infância, esc. prim., col. de inst. secundária, hospital, associações de beneficência, ag. banc., posto da Guarda Fiscal, secção da Guarda Nacional Republicana, premio da lavoura, casa do povo, lag. de azeite, fáb. de moagem, refrigerantes, cerâmica, associações recreativas, teatro, praça de touros, filarmónica e corporação de bombeiros. O feriado municipal é no dia 1.º de Maio e o descanso semanal no domingo. Além dos mercados ordinários, que se realizam na segunda e quarta quintas-feiras de cada mês, há um outro no terceiro domingo do Quaresma, dia da Procissão dos Passos. As feiras anuais são feitas: uma em 10 de Janeiro, outra no segundo domingo de Junho, e a de 10 e 11 de Outubro, que é a mais importante do Alto Alentejo. No concelho realizam-se ainda,



Vista parcial de Nisa

ficada, sendo provável que algum dos chefes árabes lhe tivesse dado o próprio nome. Num livro manuscrito, encontrado no convento de S. Francisco, em Portalegre, aventa-se que o fundador de Nisa foi Dionísio Baco, conquistador de Espanha. O Dr. Leite de Vas-

concelhos afirma que Nisa é nome de mulher, de origem grega, e justifica assim a sua asserção: «...Com a conquista romana vieram para cá muitos gregos, uns como simples escravos, outros como profissionais do sacerdócio pagão e da Medicina... Pois que há vários testemunhos da influência romana no concelho de Nisa (lápides com inscrições, etc.), pode entender-se que houve em uma nesga do território nisorro, ou na época romana, uma *vila* rústica (quinta) ou já na época portuguesa, ou pouco antes, um *monte* (em sentido alentejano), pertença, em qualquer dos casos, de uma mulher chamada Nisa. Este *monte* ou esta *vila* rústica prosperou e tornou-se a Nisa moderna, ou, se não foi bem assim, propagou-se o nome, por qualquer circunstância, ao referido território. É, pois, problemático quanto se assevera acerca da origem de Nisa. Já o mesmo não pode dizer-se quando, transpostos os confins da lenda, se entra nos domínios da verdade histórica. Documentos vários dão Nisa como contemporânea dos primeiros tempos da nacionalidade. Antes de 1232 (reinado de D. Sancho II) já constituía um concelho, cujo foral desapareceu provavelmente quando, em 1704, na Guerra da Sucessão, as tropas espanholas, de passagem por esta vila, reduziram a cinzas parte do arquivo da Câmara. Mas, apesar disso, podemos ajuizar dos foros e costumes consignados nesse primitivo foral, se lermos o da vila do Crato, no qual vem a seguinte expressão: «*Damus vobis populatonibus tam presentibus quam futuris foros et costumes de Nisa*». Daqui se depreende que o foral de Nisa era anterior ao do Crato e que este foi decalcado sobre aquele. No reinado de D. Dinis, Nisa-a-Velha continuava a viver tranquilamente dentro das suas muralhas, sob a vigilância tutelar do seu castelo. Mas a adversidade ia bater-lhe à porta. Na luta fratricida entre o monarca e seu irmão D. Afonso, foi Nisa, no Alto Alentejo, a maior vítima. Como o rei não consentisse que o infante fortificasse Castelo de Vide, D. Afonso tentou resistir à imposição do irmão e tratou de organizar os indispensáveis elementos de defesa. Recolheu a Portalegre e dali, por emissários de confiança, exortou as povoações próximas a fornecerem-lhe



Anta de S. Gens (Nisa), monumento nacional

homens e mantimentos. Nisa manteve-se fiel a D. Dinis. E logo o infante, despeitado, caiu com as suas tropas sobre a vila, destruindo-a e incendiando-a. Assim acabou Nisa-a-Velha, dela restando apenas, no alto do monte, embora não como foi primitivamente, a capela de N.ª S.ª

da Graça, padroeira dos nisenses, e, a meia encosta, pequena ermida de N.ª S.ª dos Prazeres. Mas tamanha lealdade foi depois nobremente compensada. Junto a vetusto castelo de Ferron, que era dos Templários, 4 km. do local onde fora a antiga Nisa, num planal



Porta da vila, em Nisa

sobranceiro ao fértil vale do Azambujal, mandou o monarca edificar uma nova povoação, defendida por sólidas muralhas e seis torres, e ofereceu-a aos briosos nisorros, que preferiram deixar arasar os seus lares a atraí-lo o seu rei. Do castelo de Ferron já não há vestígios, mas a ele se refere desenvolvidamente o Dr. Laranjo Coelho em estudo sobre as Ordens de Cavalaria. Das seis torres existem ainda a que defendia a Porta de Montalvão e parte de outra na Porta de João de Évora. Conservam-se também e foram considerados monumentos nacionais os arcos das portas de Montalvão e da Vila. As duas torres que flanqueavam este último foram recentemente reintegradas na sua antiga traça, constituindo hoje um dos mais interessantes monumentos da Idade-Média no Alto Alentejo. Depois da edificação da nova Nisa, cujas obras foram dirigidas por Fr. Lourenço Martins, mestre da Ordem dos Templários, os moradores da antiga transferiram-se para ela, e foi tão rápido e notável o seu desenvolvimento que, dentro de breves anos, não podendo confinar-se no âmbito das muralhas, se expandiu sobretudo para o Sul, nas adjacências da Porta da Vila, originando-se assim o núcleo da povoação conhecido pelo Arrabalde, que hoje constitui a maior freguesia de Nisa — a do Espírito Santo. Foi para defender este aglomerado populacional contra as investidas dos castelhanos que, em 1646, se construiu uma outra muralha com várias portas. Pelo seu quase nulo poder defensivo e porque muito prejudicava a expansão da vila e a estética do Rossio, dividido por ela em Rossio de dentro e Rossio de fora, em 1834 a Câmara deliberou demolí-la. A par do desenvolvimento material, também, com o decorrer dos séculos,



se acentuava mais e mais o progresso social e político. Em 1385 era Nisa já tão importante que às Cortes de Coimbra mandou dois procuradores, Pedro Martins e Bartolomeu Eanes, com assento no sétimo banco. Em 1427 D. João I outorgou-lhe o título de *Notável*, mais



Praça da República, em Nisa

tarde confirmado por Filipe II. D. Manuel deu-lhe, em 1512, o segundo foral e mandou reparar as muralhas, cujo aspecto Duarte de Armas expressivamente interpretou no *Livro dos Fortalezas*. D. João IV, por carta régia de 15-X-1646, elevou-a à categoria de marquesado, de que fez mercê a D. Vasco Luís da Gama, 5.º conde da Vidigueira. Também Nisa se fez representar nas Cortes de 1641, 1681 e nas de 1828, convocadas por D. Miguel.

Pela sua situação e beleza dos seus arredores e pelo progresso que lhe imprimiram as últimas vereações, bem merece esta terra o cognome de Corte das Areias, por que, de tempos imemoriais, é conhecida. Foi sobretudo desde que a Hidra-Eléctrica Alto Alentejo transformou em energia eléctrica o caudal da ribeira de Nisa que o burgo começou a ser bafejado por vitalizante aura de renovação. Em 1927 inaugurou-se a iluminação eléctrica e, em 1931, um novo teatro. Melhoraram-se os pavimentos das ruas e praças e canalizaram-se os esgotos. O largo principal, o Rossio, foi embelezado com elegantes edifícios particulares e públicos; entre estes os das escolas e correio, e com um lindo jardim, onde, por subscrição pública, se inaugurou, em 1945, o busto de



O novo edificio dos Correios, em Nisa

bronze do médico municipal e grande benemérito, Dr. Francisco Miguéns. Mas o melhoramento máximo foi a obra gigantesca do abastecimento de água potável. Desde 17-IV-1945 Nisa passou a ter água finíssima e em tal abundância que deve ser hoje, a esse respeito,

uma das terras mais privilegiadas do Alentejo. Em 1948 foi inaugurado, no antigo solar da família Lopes Tavares, um Asilo de Mendicidade, para cuja manutenção D. António Lobo da Silveira (Alvito), herdeiro daquela família, doou todos os seus bens, no valor de milhares de contos.

Curiosidades interessantes da vila no ponto de vista arqueológico e artístico, são ainda: *Igreja matriz*, que tem por orago N.ª S.ª da Graça. Foi construída no séc. XV e reedificada em 1760. Era a matriz da vila e um dos priorados da Ordem de Cristo. Actualmente é a paróquia de uma das freguesias da vila. O exterior é do tipo comum no Alto Alentejo, frontaria simples, porta com guarnições de granito, duas torres quadradas com seis olhais cada uma. Tem arcos de volta redonda e nos eirados remates recortados. As cúpulas são cónicas e muito pontiagudas. Tem uma só nave com abóbada de esteira. O coro assenta em três arcos de volta abatida, os quais se apoiam sobre pilastras. Tem três altares laterais, uma capela lateral, dois altares colaterais e capela-mor. Os altares laterais são: do lado da Epístola, o da Senhora do Carmo, com talha dourada do séc. XVIII, e do lado do Evangelho, o do Espírito Santo, com obra

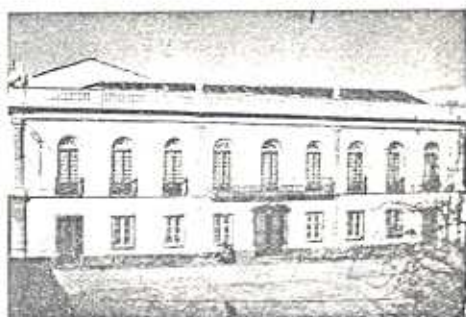


Jardim Municipal de Nisa

de talha barroca e pinturas completamente repintadas representando a *Adoração dos Pastores* e vários santos. Neste altar encontra-se ainda uma imagem de pedra representando o Espírito Santo, muito conhecida. Segue o altar de S. João Baptista, com talha do séc. XVIII. À direita fica a capela de S. Francisco com altar de mármore branco e cinzento, do séc. XVIII, e oito nichos também de mármore. Os altares colaterais são: o da S.ª do Rosário, com talha do séc. XVIII, e uma Nossa Senhora do séc. XVII, e à esquerda, o antigo altar do Santíssimo, que ultimamente foi transformado no da invocação de N.ª S.ª de Fátima. O arco do cruzeiro é de granito com largas impostas. O altar é de talha dourada do séc. XVIII, renovada ultimamente. No alto ostenta um escudo com a cruz da Ordem de Cristo. No chão, junto à parede do lado esquerdo, está uma arqueta tumular de pedra branda, cuja execução deve ser dos últimos anos do séc. XV. Nesta igreja estão guardados vários objectos de valor artístico: uma imagem de pedra policromada dos fins do séc. XV, uma capa de asperges de damasco verde, dos fins do séc. XVI, uma casula de damasco vermelho, séc. XVII, os sinos com a data de 1764, etc. *Capela do Mártir S. Sebastião*, situada na parte ocidental da vila. Exteriormente é uma simples construção, já muito modificada no séc. XVIII, com



uma porta com guarnições de cantaria. Da traça primitiva do séc. XVI conserva-se somente a capela-mor, de abóbada de nervuras apoiadas em mísulas nos quatro cantos, tendo no fecho um bocete com a cruz de Avis. O arco do cruzeiro é ogival, assente em colunas cilin-



Asilo de N.ª S.ª da Graça, em Nisa

dricas com capitéis octogonais, com enfeixes e molduras em volta. As bases das colunas com toros são também octogonais. No altar-mor está uma campa de mármore com uma grande inscrição. *Capela da Misericórdia*, situada junto aos Paços do Concelho. É um edifício do séc. XVI, de frontaria estreita, com portal do tipo do Renascimento, cujas pilastras caneladas, com bases e capitéis, suportam um arco de volta redonda, verga com cornija saliente e dois remates laterais em forma de pira; tem ainda um edículo central entre duas volutas, com fundo concheado. No frontão abre uma janela com ombreiras trabalhadas e verga lobulada. Tem duas sineiras de granito com arcos de volta redonda. No interior, o coro é sustentado por uma abóbada com duas colunas caneladas, onde estão apostas pias de água benta e que servem de apoio a um arco de cantaria, o qual é ainda sustentado por pilastras chanfradas. Na parede da capela, do lado direito, existe larga tribuna para os mesários sustentada por deztoito cachorros de granito. O púlpito, à esquerda, tem a misula de pedra trabalhada. O altar-mor é dos fins do séc. XVIII e o tecto está pintado com decorações da época. Pertencem a esta capela duas coroas de imagens, de prata dourada do séc. XVII. Entre os seus paramentos merecem referência duas dalmáticas de damasco branco com sebatas de brocatel. *Capela de N.ª S.ª dos Prazeres*. Fica a 3 km. da vila, numa eminência, perto de Nisa-a-Velha. Uma extensa escadaria dá acesso ao edifício, construção do séc. XVI, profundamente modificada posteriormente. Esta capela parece ter sido edificada sobre uma outra, possivelmente do séc. XIV ou XV. Tem dois altares laterais em pedra e no altar-mor está a imagem do orago, em pedra policromada, do séc. XV, mas repintada recentemente. O arco do coro é de granito da região, suportado por mísulas. *Casa Nobre ou Paços do Concelho*. É um edifício do séc. XVIII, composto de andar terreo e andar nobre, este com nove janelas de balcão, sete das quais com guarnições e pequenos frontões de granito. Ao centro existe um arco e o portico que dá entrada às acomodações interiores. Sobre três das janelas há escudos de armas, tendo o do centro as armas reais portuguesas e os dos lados as armas da vila. O interior foi muito modificado com a instalação das repartições do

concelho; conserva ainda a escadaria de granito e um pequeno patamar lajeado. Guardam-se no arquivo da Câmara Municipal os forais manuelinos de Nisa e Montalvão. No de Nisa encontra-se uma folha onde Vasco da Gama após a sua assinatura. Ultimamente a Corte das Areias tem sido demandada com frequência por muitas excursões de turistas, atraídos pela grandiosidade e beleza da barragem e centrais da Hidro-Eléctrica, situadas a pouco quilómetros da vila. E então quase todos aproveitam a oportunidade de visitar o que de mais interessante se encontra em Nisa e arredores: as Portas de Ródão, as ruínas de Nisa-a-Velha e a capela de N.ª S.ª da Graça, a igreja matriz, a da Misericórdia, o Calvário, etc. No regresso, não há excursionista que não leve como recordação uma peça da olaria local, a original *louça pedrada*, hoje tão conhecida em todo o País desde a Exposição do Mundo Português, ou ainda uma renda de hilos, um centro de mesa, toalha de chá, etc., em cujos bordados, exclusivamente niseses, denominados *alinhavados* ou *caramelos*, são exímias as donzelas da terra. O brasão de armas da vila foi definido da seguinte forma: em campo de púrpura, um castelo de ouro com três torres. Sobre a do meio, uma cruz ladeada por duas estrelas; sobre a da direita e da esquerda, respectivamente, o escudo das quinas e o crescente lunar. Em Nisa nasceram: o beato Diogo Pires Mimoso, morto pelos calvinistas em 15-VII-1570, quando seguia para o Brasil como missionário; Fr. Adão Dinis; Álvaro Semedo, erudito orientalista, que deixou várias obras de



Igreja da Misericórdia, em Nisa

História e Teologia, entre elas a *História do Império da China*, onde missionou durante longos anos; Pedro da Fonseca Ribeiro, capitão de uma companhia de ordenanças, que se cobriu de glória na Guerra da Restauração; o Dr. José Dinis da Graça Mota e Moura, autor do



*Memória Histórica de Nisa*; Dr. Joaquim Mendes dos Remédios, professor e reitor da Universidade de Coimbra e ministro da Educação Nacional; Júlio da Graça Marques Basso, notário de grande renome em todo o País; Dr. Francisco da Graça Miguéns, que rejeitou



Capela do Calvário, em Nisa

os louros de professor universitário para exercer clínica na sua terra e cuja memória, por suas benemerências, foi, como já se disse, monumentalizada no Jardim Municipal. Apenas se registam os nomes dos mais insignes nissenses já falecidos. Seria interminável a lista, se nos fosse dado enriquecê-la com os dos que presentemente a estão honrando em todos os ramos da actividade: doutos catedráticos, como o Dr. João Maria Porto, sacerdotes de felicitas virtudes, juriconsultos eméritos e notabilidades de relevo em todos os departamentos do funcionalismo público. (Cf. *Memórias de Nisa*, de Fr. Manuel Dias Cannestro; *Memória Histórica da Notável Vila de Nisa*, pelo Dr. José Dinis da Graça M. e Moura; *Breve Monografia de Nisa*, do prof. José F. Figueiredo, premiada, em 1945, pelo Secretariado de Informação e Cultura).

**NISA**, s. m. CRONOL. O sétimo mês do ano civil dos Judeus e o primeiro do seu ano sagrado, correspondente a parte de Março e parte de Abril, (V. também *Nizam*).

**NISA (Jeronimo Godinho de)**. Escritor, filho de Luis Godinho de Nisa, n. em Lisboa a 31-III-1681 e m. a 14-XII-1749. Foi official maior da Secretaria dos Negócios do Reino e pertenceu à Academia dos Anónimos, que secretariou, e à Academia Real de História Portuguesa, de que foi um dos fundadores em 1721, e que lhe confiou o encargo de escrever a história da entrada e domínio dos Mouros em Espanha, ate ao tempo do conde D. Henrique. Na *Colecção de Doc. e Mem. da Acad. Real de Hist.*, t. II, III, VII, XI e XI, vêm alguns dos seus discursos. Escreveu mais: *Elogio fúnebre na morte do sr. José do Couto Pestana...*, etc., Lisboa, 1735; *Três orações na lingua latina, epigramas e diversos assuntos*, etc., Lisboa, 1718. Era cavaleiro da Ordem de Cristo.

**NISA (Luis Godinho de)**. Poeta, m. a 21-XI-1717. Pertenceu à Academia dos Anónimos e foi official maior da Secretaria das Mercês. Publicou epigramas nos *Progressos Académicos da Academia dos Anónimos*.

**NISA (Manuel de)**. Religioso franciscano, n. em Nisa, m. em Estremoz, em 1654, autor de uma *Crónica da Provincia da Piedade*, que ficou inédita.

**NISA (Marqueses de)**. Foi 1.º marquês de Nisa o 5.º conde da Vidigueira (título de juro e herdade na representação familiar de D. Vasco da Gama, o descobridor do caminho marítimo para a Índia). D. Vasco Luis da Gama, almirante do mar das Índias, senhor das vilas de Vidigueira, Vila de Frades e Trovões, comendador de Santiago, de Beja na Ordem de Cristo, deputado da Junta dos Três Estados, embaixador de D. João IV junto de Luis XIII, rei de França (1642-46), e segunda vez embaixador extraordinário à mesma corte junto da rainha Ana de Áustria, sua viuva, regente na menoridade de Luis XIV, tendo exercido essa embaixada de 19-XII-1646 até 30-IV-1649. Foi notabilíssima a sua acção contra as intrigas e pressões espanholas junto do cardeal Mazarino e da regente, tendentes a, por todos os meios, contrariar os interesses da independência de Portugal; vedor da Fazenda da Repartição dos Armazéns e Índia (16-VIII-1654), conselheiro de Estado e do Conselho de Guerra dos reis D. João IV, D. Afonso VI e D. Pedro II, ministro do Despacho das juntas nocturnas na regência da rainha D. Luísa de Gusmão e mais tarde continuando nessa função junto dos reis D. Afonso VI e D. Pedro II (como príncipe regente); embaixador extraordinário à corte de Roma junto dos papas Urbano VIII e Inocência X; foi um dos plenipotenciários que negociaram o tratado de paz com a Espanha em 1668; estribeiro-mor da rainha D. Maria Francisca de Sabóia, N. a 14-XII-1612 e m. a 28-X-1676 e foi o filho sucessor dos 4.º condes da Vidigueira, tendo entrado na posse da sua importantíssima casa aos 20 anos de idade. A 29-XII-1652 casou com D. Inês de Noronha, filha dos 3.º condes da Calheta. Por ocasião da Restauração foi dos primeiros entre os grandes do reino que se manifestaram por D. João IV. Este rei tinha-o em grande conta e não só o colocou nas juntas da governação pública como o escolheu para a delicada missão atraz aludida de embaixador junto da corte de França, que o conde da Vidigueira foi desempenhar apenas com 30 anos de idade, para onde partiu a 9-IV-1642, tendo chegado à capital francesa a 4-V. Foi secretário da sua embaixada António Moniz de Carvalho. Regressou a 7-II-1646 e a 18-X do mesmo ano foi elevado a marquês de Nisa, em recompensa dos seus serviços. A 19-XII desse mesmo ano era novamente nomeado para a mesma corte, entrando em Paris como embaixador extraordinário e ali ficou até 30-IV-1649. Foi depois de regressar desta segunda missão a Paris que exerceu os cargos atraz referidos de deputado da Junta dos Três Estados, membro do Conselho de Estado e do da Guerra durante o resto do reinado de D. João IV e nos de D. Afonso VI e D. Pedro II. Foi nomeado embaixador extraordinário em Roma, junto dos papas Urbano VIII e Inocência X mas as intrigas castelhanas na corte pontificia obstaram à efectivação destas missões. Quando se tratou a paz com a Espanha em 1668, foi o marquês de Nisa um dos plenipotenciários negociadores por parte de Portugal da referida paz. Foi depois vedor da Fazenda e estribeiro-mor da rainha D. Maria Francisca, Espírito culto e afinado pela longa permanência na corte de



França, distinguiu-se o marquês de Nisa como um dos mais faustuosos fidalgos na sua maneira de viver, dispensando ao mesmo tempo carinhosa protecção às Artes e Letras e fazendo vir do estrangeiro, não só toda a espécie de preciosidades sumptuárias com que decorou os seus palácios, como também numerosos livros raros e que representavam no seu tempo a mais elevada e adiantada cultura europeia. Já antes da primeira embaixada em Paris se occupara activamente da organização da sua preciosa livraria. Há correspondência dele estando por embaixador em Paris com Jerónimo Nunes da Costa, português que então vivia em Amsterdão, encomendando-lhe livros do maior preço e raridade. No livro *O Primeiro Marquês de Nisa*, de José Ramos Coelho, há pormenores sobre as suas aquisições de bibliófilo esclarecido e opulento. O temor da Inquisição levou-o a impetrar da Santa Sé uma dispensa especial para poder possuir livros que o Santo Officio proibira em Portugal, a qual lhe foi concedida por dois anos, e sabe-se que mais tarde a impetrou, de novo, em 1651, recesso da fiscalização que aquele tribunal exercia sobre todas as formas de actividade mental e da sua terrível severidade. Não escapou o marquês de Nisa às intrigas, próprias das cortes, quando ao regressar de Paris se viu tratado desfavoravelmente por D. João IV, que lhe ordenou recolher-se a sua casa, acusado de ter deixado o posto antes da regia permissão para o fazer, em 1649. Só no fim desse ano conseguiu o marquês ver o seu proceder aprovado, após apreciação dele pelo Conselho de Estado. A sua saúde estava abaladíssima, especialmente a vista, que lhe faltava. O rei, no entanto, mesmo durante o período de desagrado politico, correspondeu-se sempre com ele e depois da sua reabilitação mostrou-lhe sentimentos mais amistosos, interessando-se vivamente pelos gostos bibliográficos do marquês. Por sua iniciativa foram traduzidas, impressas e divulgadas várias das obras favoráveis à Restauração que na Europa apareceram, entre ellas a *Storia di Portogallo*, de J. B. Birago.

Foi 2.<sup>o</sup> Marquês de Nisa D. Francisco Luis Baltasar António da Gama, 6.<sup>o</sup> conde da Vidigueira, «de juro e herdade para sempre», almirante do mar das Índias, senhor das vilas, comendas e alcaidarias da sua casa, n. a 1-V-1636 e m. a 10-VIII-1707, sendo o filho successor dos 1.<sup>os</sup> marqueses, mestre de campo de infantaria, no Alentejo, tendo servido na guerra contra os Espanhóis, tomou parte no socorro mandado a Évora em 1663. Mais tarde, general de cavalaria na Beira e, firmada a paz governador e capitão-general do Algarve. Foi, como seu pai, deputado da Junta dos Três Estados, governador das armas em Peniche (1701), do Conselho de Guerra de D. Pedro II e D. João V e conselheiro de Estado em 1704. Foi casado duas vezes: o primeiro casamento teve lugar a 12-II-1654 com D. Helena da Silveira e Noronha, filha dos 1.<sup>os</sup> condes da Torre, falecendo a marquesa a 21-IX-1656; o segundo realizado a 21-XI-1657, com D. Brites Mascarenhas de Vilhena, filha dos 1.<sup>os</sup> condes de Obidos.

Foi 3.<sup>o</sup> Marquês D. Vasco José Luis Baltasar da Gama, filho do segundo matrimonio do 2.<sup>o</sup> marquês, o qual n. a 19-VIII-1666 e m. a 4-X-1735. Foi 7.<sup>o</sup> conde da Vidigueira, almirante do mar das Índias, senhor das vilas da Vidigueira, Vila de Frades e Trovões, comendador de Santiago, de Beja e S. Vicente de Vimioso, da alcaidaria e capitania-mor de Nisa e padroeiro da matriz da Vidigueira e de diversas igrejas e conventos.

Foi mestre de campo do terço de Moura e tenente-general de cavalaria do Alentejo, tendo servido na guerra contra Espanha e tomado parte activa na tomada de Valência de Alcântara, Albuquerque e outros combates. Mordomo-mor da princesa do Brasil (17-VI-1734), casou a 17-VIII-1709 com D. Barbara Isabel de Lara, dama das rainhas D. Maria Sofia e D. Maria Ana, de Áustria, a qual n. a 4-VII-1670 e m. a 6-XII-1738, filha dos 2.<sup>os</sup> marqueses de Cascais. Deste casamento apenas houve uma filha herdeira.

Foi 4.<sup>a</sup> marquesa de Nisa D. Maria José Francisca Xavier Baltasar da Gama, filha única e herdeira, como ficou dito, da casa de seu pai, 8.<sup>a</sup> condessa da Vidigueira e senhora do Almirantado do mar das Índias, sucedeu em toda a grande casa e comendas de seu pai, n. a 8-II-1712 e m. a 14-XII-1750. Esteve ajustado o seu casamento com seu tio, D. Fernando de Noronha, conde de Monsanto, o qual se não realizou por falecimento deste a 13-XII-1722. Casou a primeira vez a 12-VI-1729 com Nuno da Silva Teles (n. a 29-XI-1709 e m. a 17-XI-1739), filho dos 3.<sup>os</sup> marqueses de Alegrete, o qual havia entrado na carreira eclesiástica e era tesoureiro-mor da sé de Lamego quando renunciou a ela para se casar. Pelo seu casamento foi feito marquês de Nisa, partilhando dos titulos e honras de sua mulher, a senhora da casa. Depois de viúva tornou a casar com o 5.<sup>o</sup> conde de Unhão, D. João Xavier Teles de Castro da Silva de Meneses (n. em 13-I-1705 e m. em 1766). Teve a marquesa filhos dos dois casamentos.

Foi 5.<sup>o</sup> marquês de Nisa D. Vasco José Jerónimo Baltasar da Gama (filho do primeiro matrimonio da 4.<sup>a</sup> marquesa), 9.<sup>o</sup> conde da Vidigueira, successor da grande casa de sua mãe, n. em 30-IX-1733 e m. prematuramente a 1-V-1757. Casou a 18-VIII-1754 com D. Maria Manuel, filha dos 1.<sup>os</sup> marqueses de Tancos, condes da Atalaia. Não teve geração.

Foi 6.<sup>o</sup> marquês de Nisa Rodrigo Xavier Teles Castro da Gama Ataíde Noronha Silveira e Sousa, irmão uterino do precedente (filho do segundo casamento da 4.<sup>a</sup> marquesa com o 5.<sup>o</sup> conde de Unhão), n. a 10-IX-1744 e m. a 6-VIII-1784, 10.<sup>o</sup> conde da Vidigueira, 10.<sup>o</sup> almirante do mar das Índias, 6.<sup>o</sup> conde e 14.<sup>o</sup> senhor de Unhão, 15.<sup>o</sup> senhor dos morgados de Eutrópio e S. Mateus, 14.<sup>o</sup> senhor do Paul de Boquilobo, 10.<sup>o</sup> de Far, de Benavente e de todos os numerosos vinculos das casas de Nisa, Cascais, Unhão, Castanheira e Castro Daire, comendas delas. Succedeu a seu pai nos titulos e morgadios da sua casa em 1766 e nas da casa de sua mãe por morte do 5.<sup>o</sup> marquês, seu meio irmão. Foi tenente-coronel do regimento de cavalaria de Mecklemburgo (27-IX-1777). Casou, a 15-II-1775, com D. Mariana Josefa Xavier de Lima, filha dos 1.<sup>os</sup> marqueses de Ponte de Lima.

Foi 7.<sup>a</sup> marquesa de Nisa D. Eugénia Maria Josefa Xavier Teles de Castro da Gama, filha herdeira dos precedentes, que n. a 8-I-1776 e m. a 28-XII-1839, 11.<sup>a</sup> condessa da Vidigueira e senhora do Almirantado do mar das Índias, 7.<sup>a</sup> condessa e 15.<sup>a</sup> senhora de Unhão, 15.<sup>a</sup> senhora do Paul de Boquilobo, 16.<sup>a</sup> dos morgados de S. Mateus e Santo Eutrópio e de todos os mais senhorios, vinculos e preeminências da casa. Casou, a 21-XI-1790, com seu tio materno, D. Domingos Xavier de Lima, 3.<sup>o</sup> filho de seus avós, os 1.<sup>os</sup> marqueses de Ponte de Lima, que pelo seu casamento foi marquês de Nisa e conde da Vidigueira e de Unhão, gentil-homem da câmara da rainha D. Maria I. Nasceu D. Domingos de



Lima a 30-XII-1765 e m. a 30-VI-1803, sendo personalidade de grande relevo e acções illustres como official da Marinha. Foi gentilhomem da câmara da rainha D. Maria I, grã-cruz da Ordem de S. Januário de Nápoles, comendador da Ordem de Santiago, cavaleiro de Malta, condecorado com a Granada de Ouro das campanhas do Russilhão e Catalunha, embaixador junto do czar Alexandre I, da Rússia, major-general da Armada, comandante e inspector da Brigada Real de Marinha. Em 1790 esteve no cruzeiro do estreito de Gibraltar comandando a fragata «Princesa do Brasil» na esquadra do almirante Ramires (depois visconde de Estremoz); em 1792 comandou a fragata «S. Rafael» que, fazendo parte da esquadra do almirante Sanches de Brito, foi a Nápoles, e em 1793 fez, como voluntário, a guerra da Catalunha e Russilhão. Em 1794 comandou a nau «Rainha», que fazia parte da esquadra do almirante Vale, em operações combinadas com a de lordes Howe, tendo combado elevadissimo numero de navios durante as hostilidades da Inglaterra com a Republica Francesa.

Em 1794 comandou a divisão naval enviada a juntar-se ao Mediterrâneo a esquadra de Nelson. O pavilhão do marquês de Nisa ia içado no «Princesa Real», navio de 110 peças, tendo por major-general o chefe de divisão Rodrigo Pinto Guedes (que veio depois a ser barão do Rio da Prata, no Brasil). A esquadra compunha-se além da nau almirante, acima citada, da Rainha de Portugal, «Afonso de Albuquerque», «S. Sebastião» e das corvetas «Andorinha» e «Benjamim» e ainda dos brigueiros «Falcão» e «Gaivota». A esquadra saiu de Lisboa a 3-V para ir a Toulon reunir-se à força naval de Nelson. Ventos contrarios a obrigaram a ir até aos Açores, vol-



O almirante D. Domingos Xavier de Lima, Marquês de Nisa, segundo uma litografia da época.

tando depois em direcção ao Mediterrâneo, onde se desencenou a esquadra inglesa aliada que naquele mar procurava a esquadra francesa de Brueys para lhe dar batalha. Ainda a esquadra de Nelson não tinha sido encontrada pela do almirante marquês de Nisa quando se feriu a grande batalha de Abukir, de tão graves consequências para o poderio naval francês. Encontrado finalmente o vitorioso Nelson, foi o marquês de Nisa mandado bloquear Malta, occupada pelos Franceses, recebendo para isso o auxilio de uma nau, uma fragata e um brulote da força naval inglesa. O bloqueio foi conduzido com grande efficacia, sendo depois enviada a nossa pela esquadra inglesa nessa função difficil. Quando os Franceses entraram no reino de Nápoles estavam em aquele porto as esquadras conjuntas de Nelson e do marquês de Nisa. A esquadra napolitana foi, por opinião de Nelson, queimada para não cair nas mãos do inimigo quando o rei e o seu governo fugiram para a Sicilia. Foi o marquês de Nisa que teve essa incumbência. Ao dar-se o levantamento da Calábria contra os Franceses — desembarcou o almirante 400 homens, comandados por Moreira Freire, para reforçar o exercito do cardeal

Ruffo. A esquadra só voltou a Lisboa em Março de 1800, depois de terminada a campanha de Nápoles com a restauração de Fernando de Bourbon. O último cargo que o 7.º marquês de Nisa exerceu foi o de embaixador junto do czar, falecendo em Conisberga quando voltava para Portugal.

Foi 8.º Marquês o filho successor dos antecedentes, D. Tomás Xavier Teles de Castro da Gama Ataíde Noronha da Silveira e Sousa, 12.º conde da Vidigueira, almirante do mar das Índias, etc., n. a 4-XI-1796 e m. em Roma a 13-VIII-1820, tendo o seu funeral sido feito naquela cidade «com a pompa e honras que se costumavam só dispensar aos príncipes», como consta da transcrição do seu registo de óbito. (Cf. Canedo, *A Descendência Portuguesa de El-Rei D. João II*). Foi tenente de cavalaria e comendador da Ordem de Cristo. Casou em Lisboa, a 4-X-1815, com D. Tomasia Francisca Luísa Rafael de Melo Breyner (n. 1795), filha de Pedro de Melo Breyner e de sua mulher, D. Ana Rufina Soares de Melo, senhora de Melo. Tiveram um único filho.

Foi 9.º Marquês D. Domingos Vasco Francisco Xavier Pio Teles da Gama Castro e Noronha Ataíde Silveira e Sousa, 14.º conde da Vidigueira, 9.º conde de Unhão, 12.º almirante do mar das Índias, senhor das vilas, comendas e alcaldarias-mores da sua casa, par do reino, comendador da Ordem de Cristo, adido de legação honorário, n. em Lisboa, na Quinta do Deserto, a 17-I-1817, e m. em Cauterets, nos Pirenéus francezes, a 11-VIII-1873. Casou, em S. Roque de Paris, a 3-V-1835, com D. Maria Constança de Saldanha da Gama (1818-1895), filha dos 7.ºs condes da Ponte. Foi o 9.º marquês uma personalidade profundamente vincada ao mesmo tempo de grande fidalgo, grande elegante, boêmio e intellectual, quase lendário. A sua juventude, senhor precocemente de uma das maiores casas fidalgas de Portugal, e de um dos maiores nomes da alta nobreza, foi assinalada por fantasias e extravagâncias inúmeras respirando ainda o ambiente aventureiro e cavalheiresco da época romântica. Com outros fundou a «Sociedade do Delirio», inventora das mais diabólicas loucuras e fantasias que pasmaram a pacata Lisboa de então. Esgirista e atirador excelente, cezera o marquês de um olho, o que aumentava o profundo vinco pessoal da sua expressão, não se sabe se em consequência de duelo ou de acidente de esgrima. Boêmio no meio dos boêmios e grande senhor no paço e nos saídes da alta nobreza, o marquês de Nisa vincou no seu tempo um tipo inconfundível. Senhor de um dos maiores morgadios do reino, foi sua a iniciativa da lei que aboliu essa instituição. Representou papel importante na tentativa para colocar D. Fernando II, de Saxe-Coburgo, no trono espanhol, cultivando a intimidade politica do general Prim e de outros eminentes espanhóis exilados. Para o fim da vida a sua fortuna estava seriamente comprometida com as fantásticas despesas a que se entregara. Tentou algumas empresas industriais com pouco successo. Apenas com 36 anos, gravemente doente, foi tratar-se para a estância thermal pirenaica de Cauterets, onde morreu. Succedeu-lhe o filho primogenito, D. Tomás, como 15.º conde da Vidigueira e 13.º almirante do mar das Índias (v. Vidigueira), mas o qual nunca se encartou no titulo de marquês de Nisa, a que tinha direito. Além deste filho teve outros, entre os quais D. Vasco Francisco Teles da Gama, official da Marinha de Guerra britânica, que m. afozado em Tunis em 1864; D. Manuel, que foi



conde de Cascais (v.); D. Eugénia, marquesa de Unhão, dama camarista da rainha D. Maria Pia, e outros.

Foi 10.<sup>o</sup> Marquês de Nisa (por autorização régia no exílio), D. José Xavier Teles da Gama Castro Ataíde Noronha da Silveira e Sousa, filho primogénito dos 15.<sup>o</sup> condes da Vidigueira, sendo também 16.<sup>o</sup> conde da Vidigueira, por direito próprio nos termos da instituição do título e representante do cargo honorífico hereditário de almirante do mar das Índias (do qual lhe foram concedidas honras pelo governo da África do Sul quando ali se celebraram cerimónias comemorativas de Vasco da Gama), n. a 24-VI-1677 e m. a 22-III-1941. Foi casado duas vezes; a primeira com uma senhora espanhola que faleceu pouco depois; a segunda com D. Carolina da Silva Ghira, filha de Alfredo António Ghira, capitão de fragata, e de sua mulher, D. Maria das Dores da Silva. Sem geração. Representa hoje os ilustríssimos títulos desta casa a irmã sucessora do 10.<sup>o</sup> marquês, D. Constança Xavier Teles da Gama, viúva do capitão-tenente António Soares Cardoso, com geração.

Armas: plenas, de Gamas, com o honroso acrescentamento concedido a D. Vasco da Gama para si e sua descendência: escudo xadrezado de ouro e vermelho de três peças em faixa e cinco em pala, as de vermelho carregadas de dois filetes de prata postos em faixa e um escudete de Portugal antigo brocante ao centro sobre a 2.<sup>a</sup> tira e parte da 3.<sup>a</sup>. Timbre: meio-naire de braços nus vestido e tunicado ao modo da Índia, de suas cores, tendo na mão direita o escudo das armas e na esquerda um ramo de caneleira de verde, florido de ouro. Coroa de marquês.

**NISAETO**, s. m. ZOOL. Género de aves de rapina, do grupo das águias.

**NISBET** (H.). Técnico na indústria de têxteis, inglês. Autor de *Grammar of the Textile Design*. Colaborou na última edição da *Enciclopédia Britânica* no artigo sobre *Angola*.

**NISCA**<sup>1</sup>, s. f. Açor. O mesmo que *nica*. *Nisca* de gente, criança.

**NISCA**<sup>2</sup>, s. f. Prov. Pequena ave de arribação.

**NISCARO**, s. m. Prov. frasm. Cogumelo, o mesmo que *niscaro*.

**NISCATO**, s. m. Prov. minh. O mesmo que *biscato*.

**NISCO**, s. m. Prov. minh. O mesmo que *niscaro*.

**NISCRANÇO**, s. m. Prov. Cobra pequena, (Cp. *Licranço*).

**NISCRO**, s. m. O mesmo que *nisco*.

**NISE**. Ninfa do mar, filha de Nereu. Refere-se-lhe Camões, no seguinte passo de *Os Lusíadas*: «Salta Nise, Nerina se arremessa Por cima da água crespa...» II, 20. Também Bocage se lhe referiu num dos seus sonetos licenciosos: «Não lamentos, oh Nise, o teu estado...».

**NISENSE**, adj. Que se refere ou diz respeito a Nisa.

♦ S. 2.º gen. Natural ou habitante de Nisa.

**NISGA**, interj. Prov. beir. Bolas! Batatas! Sebol: «...eu perdi a paciência: — Sabes que mais... *nisga!*», Aquilino Ribeiro, *Estrada de Santiago*, p. 115. ♦ Carr. de nesga; cibo, pedacinho.

**NISHAPUR**. V. *Nixapur*.

**NISI HONORIS ET NOMINIS**. Breve de Clemente VII, dado em Roma a 9-I-V1524, dirigindo-se ao rei D. João III, sobre as especiarias e drogas da Índia, aconselha-o que as ponha no seu justo preço, para assim se evitar as queixas que continuamente lhe fazem. (In T. do Tombo, maço 20 de Bulas, n.º 8).

**NISIO**, s. m. ZOOL. Género (*Nysius* Dall.) de in-

sectos hemípteros, da subordem dos heterópteros, série gimnocerata, família dos ligueídeos, representado na fauna de Portugal por quatro espécies englobadas no subgénero *Nysius* Stal (v. a seguir), e a que pertence a espécie *N. simulans* Stal., da fauna do Brasil. ♦ Subgénero (*Nysius* Stal.) de insectos hemípteros da subordem dos heterópteros, série gimnocerata, família dos ligueídeos, género *Nysius* Dall., de que engloba as espécies *N. thymi* (Wlff.) Bol. y Chic., *N. cymoides* (Spin.), *N. graminicola* (Klti.) e *N. senecionis* (Schill.), na fauna de Portugal.

**NISO**. MIT. Rei de Megara. Tinha um cabelo de que dependia a sorte dos megarenses, que devia governar enquanto o conservasse. Cila, sua filha, querendo favorecer Minos, cortou o dito cabelo enquanto Niso dormia, e o deu a Minos, que tomou Tebas. Niso, indo em seu alcance para a punir, foi transformado em esmerilhão e ela em cotovia.

**NISORRO**, adj. e s. m. O mesmo que *nisense*.

**NISPERO**, s. m. Prov. dur. Carne que, depois de cozida, conserva o aspecto de um músculo contraído e apresenta camadas entremeadas de pedaços de gelatina. ♦ Também se diz *nispo*.

**NISPO**, s. m. O mesmo que *nispero*.

**NISQUINHO**, s. m. Prov. Pedacinho, nodinha. ♦ O mesmo que *nisquilo*.

**NISQUITO**, s. m. Prov. O mesmo que *niscato*.

**NISSA**, s. f. BOT. Género (*Nyssa* Lin.) da família das nissáceas, subfamília das nissoídeas, que compreende sete espécies da América do Norte, Himalaia, China até Java. A *N. sylvatica* Marsh. e outras produzem madeira utilizável e frutos comestíveis.

**NISSÁCEAS**, s. f. pl. BOT. Família de dicotiledóneas da ordem das mirtifloras, subordem das mirtíneas, caracterizada por flores heteroclamídeas, hermafroditas ou unissexuais, com receptáculo côncavo ou quase plano; sépalas cinco ou mais, por vezes encurvadas; pétalas geralmente cinco, pequenas, imbricativas ou nulas; estames em número duplo das pétalas ou menor; ovário infero, geralmente unilocular, mais raramente com seis a dez lóculos uniovulados. São árvores ou arbustos de folhas alternas e flores pequenas, em cacho, umbela ou capitulo as masculinas e solitárias as femininas. Compreende as subfamílias das *nissoídeas* e *dauidóideas*.

**NISSÁCEO**, adj. Relativo ou pertencente às plantas nissáceas.

**NISSIGUI**, s. m. Bras. Variedade preta de garça, na região da Ribeira.

**NISSO**, equiv. da prep. em e do pron. dem. *isso*: *nisso* que me contas há muito de fantasia; «E apertando el-Rei todavia muito *nisso*, e per muitas vezes, o Príncipe lhe pediu muito por mercê que tal não fizesse», Garcia de Resende. *Crónica de D. João III*, cap. 18. ♦ *Loc. pop.* Não vou *nisso*, não acredito, não me deixo iludir, não me parece que seja assim, etc.

**NISSODRIS**, s. m. ZOOL. Género (*Nyssodrya*) de insectos coleópteros da subordem dos polífagos, superfamília dos fitófagos, família dos cerambycídeos, a que pertence a espécie *N. liguaria* Bates, da fauna do Brasil. A larva deste insecto é parasita do alecrim (S. Paulo).

**NISSOIDEAS**, s. f. pl. BOT. Subfamília de nissáceas, caracterizada por ovário unilocular, perianto duplo e estilete filiforme. Inclui o género *Nyssa* Lin.

**NISSÓLIA**, s. f. BOT. Género de leguminosas da subfamília das papilionadas, tribo das *hedisáreas*, estabelecido por Jacquin, que compreende sete espécies da América tropical e subtropical.



**NISTÁGMICO**, *adj.* Relativo ao nistagmo.

**NISTAGMO**, *s. m.* Oscilação do globo do olho, em torno ao seu eixo horizontal ou vertical. (Do gr. *nystagmos*).

**PATOL.** Oscilação mais ou menos rítmica dos olhos. Este movimento oscilatório anormal dos globos oculares pode fazer-se em qualquer direcção: horizontal, vertical, rotatório ou misto, e ser uniforme na sua velocidade ou mais rápido num sentido do que no outro. É quase sempre bilateral, podendo, no entanto, estar limitado ocasionalmente apenas a um dos olhos. A frequência das suas oscilações é extremamente variável. Debaixo do ponto de vista etiológico consideram-se dois tipos de nistagmos: *fisiológicos* e *patológicos*. Nos primeiros, *fisiológicos*, o estímulo desencadeador deste fenómeno é de origem periférica: ocular ou labirintica. Verifica-se com frequência nos passageiros dos comboios que olham a paisagem através das janelas (*nistagmo dos passageiros de comboio*), nos indivíduos a que se estimulam os canais semicirculares, injectando água quente ou fria no canal auditivo externo e ainda após a rotação na cadeira rotatória de Barany. O *nistagmo patológico* reconhece uma origem periférica ou central. Entre os casos periféricos distinguem-se os de natureza ocular, vulgares nas opacidades da córnea, coróide-retinite central, opacidades do cristalino e ainda nos mineiros (*nistagmo dos mineiros*) e nos indivíduos com albinismo; e os de causa labirintica, originados por qualquer perturbação dos canais semi-circulares. Nos *nistagmos de natureza central* a causa encontra-se no sistema nervoso central, verificando-se na esclerose disseminada, seringomielia, ataxia de Friedreich e nas lesões do cerebello.

**NISTAGMÓGRAFO**, *s. m.* MED. Instrumento que regista os movimentos do olho no nistagmo. (Do gr. *nystagmos*, acto de dormir, e *graphein*, escrever).

**NISTALEA**, *s. f.* ZOOLOG. Género (*Nystalea*) de insectos lepidópteros, da subordem dos heteroneuros, superfamília dos noctuoides, família dos notodontoides, a que pertence a espécie *N. nyseus* (Cram.), da fauna de Portugal.

**NISTO**, equiv. da prep. *em* e do pron. dem. *isto*: «Mandou-lhe dizer... que não tardasse, e *nisto* chegou António de Sintra», *Comentários de Afonso de Albuquerque*, II, cap. 7, p. 40; «...*nisto* como em tudo, convém abraçar antes Juno que a nuvem», Agostinho de Campos, *Paladinos da Linguagem*, II, 3, p. 36.

**NITA**, *s. f.* Espécie de rede, o mesmo que *neta*. (Cf. *Estatística das Pescas Marítimas*, p. 174).

**NITÃO**, *s. m.* O mesmo que *niton* (v.)

**NITCHEVO**. Palavra de origem eslava que significa «fatalidade», conquanto os Russos a empreguem frequentemente como significando «coisa sem importância, bagatela». Equivale a «isso não vale nada» ou «não importa». Todavia, a palavra *nitchevo* simboliza o fatalismo da raça. Bismarck, quando esteve como embaixador em S. Petersburgo, mandou gravar a palavra *nitchevo* num dos seus anéis que primava em ostentar em todas as festas oficiais.

**NITEBO**. Ribeira de Moçambique, afluente do rio Muecate.

**NITELA**, *s. f.* BOT. Género (*Nitella* Ag.) de algas carófitas, da família das caráceas, tribo das nitelias, que compreende cerca de oitenta espécies das águas doces e salobras, espalhadas por todo o Mundo.

**NITELIAS**, *s. f. pl.* BOT. Tribo de algas carófitas, da família das caráceas, caracterizada por oogonio com uma coroa de apêndices bicelulares. Inclui os géneros *Nitella* Ag., e *Tolypeia* A. Brown.

**NITEMALA**. Lagoa de Inhambane, Moçambique.

**NITENOU**. Lago de Inhambane, Moçambique, entre as lagoas Nhaliputi e Nitemala.

**NITENTE**, *adj.* 2.º gén. Que resiste, que se esforça por; resistente. ♦ *Fig.* Fulgente, luzidio, brilhante; nitido: «Abeirei-me do abismo — as águas espumavam no fundo em cachões *nitentes*, torvelinhantes», Coelho Neto, *Sertão*, p. 109; «Mas um disco se avista ao longe... A praia rasga *nitente* o nevoeiro denso», Castro Alves, *Espumas Flutuantes*, p. 75; «...aquela *nitente* admonição que do seu talento esperamos», António Sérgio, *O Desejado*, p. VII. (Do lat. *nitente*).

**NITENVU**. Lagoa de Moçambique, em Panda.

**NITESCÊNCIA**, *s. f.* Neol. Lustro, brilho, resplendor, esplendor: *nitescência* de ouro e sol. (Do lat. *nitescens*, nom. neutro pl. de *nitescens*, part. pres. de *nitescere*).

**NITESCENTE**, *adj.* 2.º gén. Brilhante, luzente, lustroso. (Do *nitescência*).

**NITIBE**. Posto administ. da circ. de Ocussi, Timor.

**NITIDADE**, *s. f.* O mesmo que *nitidez*.

**NITIDAMENTE**, *adv.* De modo nitido; com nitidez, com fulgor, luzimento: *nitidamente* impresso; «...antes que o amor da especulação e do lucro inspirasse a Guttembergue o grandioso invento, que tão *nitidamente* lhes proporciona a elas (leitoras) o seu tão querido passatempo», Arnaldo Gama, *A Última Dona de S. Nicolau*, cap. 3, p. 37. ♦ Limpamente; com clareza: «...pelas informações enviadas por este ao rei de Espanha ...ficou *nitidamente* assente que nenhuma dessas suspeitas tinha o menor fundamento», Antero de Figueiredo, *D. Sebastião*, cap. 10, p. 142. (Do *nitido*).

**NITIDEZ**, *s. f.* Qualidade do que é nitido; fulgor, lustre, luzimento, brilho: a *nitidez* do luar; a *nitidez* das pratos limpas. ♦ Clareza, perfeição: «...começou a copiar a carta na sua maravilhosa letra, com finos e grossos, de uma *nitidez* de gravura em aço», Eça de Queirós, *Os Maias*, II, cap. 7, p. 331. ♦ Limpidez: a *nitidez* das águas na Berlenga. ♦ *Fig.* Pureza: a *nitidez* do estilo: «Veio o official de diligências direito à mesa e proferiu em tom que se fingia reservado mas soava com *nitidez* suficiente para ser ouvido nas primeiras filas», Aquilino Ribeiro, *Volfrâmio*, cap. 13, p. 405. ♦ Precisão, exactidão: apresentou as suas razões com *nitidez* insosfismável. (Do *nitido*).

**FOT.** e **CINEMA.** A *nitidez* de uma imagem mede-se pelo número de linhas separáveis por milímetro. Assim, dizer que a *nitidez* de uma dada imagem é quatro linhas por mm., equivale a dizer que em cada mm. se podem distinguir quatro linhas ou — o que vale o mesmo — que a finura do traço, que a largura máxima de cada linha, é 1/4 de mm. A *nitidez* de uma imagem negativa depende do poder separador da emulsão empregada, do poder separador da objectiva, da disposição dos objectos fotografados em relação à objectiva e da forma como for efectuada a focagem. Se o positivo for tirado por contacto, conserva sensivelmente a *nitidez* do negativo, apenas ligeiramente diminuída pelo menor poder separador das emulsões sobre papel; mas, se se trata de uma ampliação, a *nitidez* vem diminuída pela intervenção de nova objectiva e, sobretudo, porque o traço é ampliado na mesma proporção que a imagem, o que equivale a dizer que, por este motivo, a *nitidez* decresce na razão inversa da ampliação. O poder separador das emulsões negativas, a não ser nos casos em que se pretendem ampliações extraordinárias, é mais do que suficiente, mas pode ser prejudicado pelo grão (v.). Quanto à objectiva, não há nenhuma que seja perfeitamente estigmática mas, ainda que o fosse e que fosse também perfeitamente apianética,